

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Quarta temporada

Episódio #22: “Nos rastros das mulheres na Antropologia Visual”

Transcrição do episódio: Camila Anselmo

Revisão da transcrição: Bruna Martins, Rai Magalhães, Sabrina Neves
e Soraya Fleischer

Roteiro

Legenda:

Blocos

Música/Sonoplastia

Vinheta de abertura: “Já foi”, de Janine Mathias. Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Toada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Pra que esperar se eu sou movimento?

Pra que questionar inventaram o tempo

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

[Transição musical]

ABERTURA

Soraya: Oi, pessoal. Este será um episódio com **muitas** vozes.

Daniela: E vozes de muitas **mulheres**. São mulheres antropólogas que vieram estudar e fazer pesquisa no Brasil no século passado. Ou mulheres que vieram, em equipes profissionais ou acompanhando seus maridos antropólogos, fazer fotografias e filmes etnográficos.

Soraya: E também as vozes das mulheres que têm feito pesquisa sobre essas viajantes. Lá na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem uma equipe de estudantes de Antropologia e de História, de graduação e de pós-graduação, e esta equipe tá

procurando rastros... em diários de campo, em coleções de fotos, em acervos de museus. A equipe é coordenada pela professora e antropóloga visual Fabiene Gama.

Daniela: Essa é a quarta temporada do Mundaréu, e nessa temporada a nossa ideia é entender como a produção da ciência é perpassada por preocupações feministas. Este é o Episódio 22 e vamos refletir sobre a ciência antropológica, como ela esteve historicamente esvaziada de autoras mulheres.

Soraya: Em maio de 2023, a nossa equipe do Mundaréu foi até Porto Alegre para conversar com elas todas, ver o que elas estão fazendo por lá. Eu e a Daniela, a gente foi acompanhada pelo Gabriel Marçal e Camila Anselmo, da nossa equipe da Unicamp e da UnB. A gente vai começar visitando o campus da UFRGS (UFRGS) e o NAVISUAL, o Núcleo de Antropologia Visual. E lá, a gente conheceu a equipe de pesquisa que trabalha com a Fabiene, nesse projeto.

Daniela: Eu sou a Daniela Manica, da Unicamp.

Soraya: E eu, Soraya Fleischer, da UnB. E o Mundaréu já começou!

[Transição musical]

BLOCO 1: Chegando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Soraya: Fabiene, bom dia!

Fabiene: Oiii! Que bom receber vocês aqui! [risos muito animados de todas presentes]
Bem-vindas ao Campus do Vale. Não, desculpa. Começamos, sério, agora?

Voz ao fundo: É!

Fabiene: Então tá. Começamos de algum lugar? Eu to assim... é oi mesmo?

Daniela: Fala onde a gente está!

Fabiene: Então, gente, bem-vindas ao Campus do Vale. Vocês estão agora entrando aqui nesse campus da UFRGS, que fica um pouco mais afastado do centro, né? Aqui, é bastante arborizado. Temos muitos animais.

Daniela: Está carregado aqui né... (voz ao fundo de Daniela conversando com Soraya)

Soraya: É uma paineira. (voz ao fundo de Soraya conversando com Daniela)

Daniela: Ah! Uma paineira. (voz ao fundo de Daniela conversando com Soraya)

Soraya: Como é que este campus é diferente do campus do centro, do campus da saúde, na tua opinião?

Fabiene: Então é isso, lá o campus da saúde, né? E o campus do centro ele é realmente no meio da cidade, é um campus, né? De prédios, é bastante urbano, aqui a gente já tá um pouco mais fora, né. Desse burburinho, digamos assim, então tem esse, esse ar mais, é... mato, planta, é muito curioso inclusive que durante a pandemia quando a gente não pode frequentar esse campus né, o mato subiu e tinha micos, macacos e bichos ocupando todo esse ambiente porque é um ambiente de muita mata, muito verde mesmo, né. E os estudantes ocupam bastante esses gramados aqui né? Quando tem, assim, um dia de sol principalmente quando começa a ficar mais frio como agora, né, é bem, bem legal.

Soraya: Onde você está levando a gente?

Fabiene: Eu tô levando vocês agora pra sala do NAVISUAL, né? Que é o núcleo de Antropologia Visual, que eu coordeno aqui na UFRGS e onde surgiu, né, essa equipe, onde a gente se reúne, onde a gente trabalha, né. Um núcleo muito legal assim, em termos de infraestrutura, inclusive, rara assim nesse contexto, né, de universidade pública, temos muitos desafios econômicos e financeiros, mas a gente tem um espaço bom pra trabalhar, né. A gente tem uma equipe grande, é um núcleo que tá aberto a estudantes da graduação e da pós-graduação. [som de passos pelo corredor] Pronto, aqui é nesse primeiro corredor do IFCH [Instituto de Filosofia e Ciências Humanas] tem núcleos de laboratórios, salas de professores, né. [barulho de porta abrindo] E essa sala aqui já na frente é a do NAVISUAL. Como vocês podem ver, a gente tenta deixar bastante visível que é a sala do núcleo, né? Então, tem o nome na frente, tem uma série de cartazes e informações, a gente tem, dependendo de quando a gente vai fazer uma atividade de “UFRGS - portas abertas”, ou alguma atividade que a gente quer convidar mais os alunos, a gente tem um cartaz. Cês vão ver aqui, que a gente cola pra convidar o pessoal pra entrar. Oi, gente! [fala para as pessoas perto de Fabiene que estão no local]

Gabriel: Oi, gente, tudo bem?

Fabiene: A gente tá entrando aqui no núcleo, o pessoal, já tá reunido. Então, a gente entrou aqui no núcleo agora, cês... aqui reunidas já estão a Gi, a Débora e a Laura que já tavam esperando vocês chegarem e a gente tentou chegar mais cedo hoje pra se organizar um pouco com os materiais, né? E assentar um pouco, pegar água, café. [risos].

Soraya: [Soraya contextualiza aos ouvintes sobre o que foi realizado no encontro com as estudantes e professoras.] Lá no NAVISUAL, a gente conheceu estas três estudantes que a Fabi falou agora, a Giovana do Nascimento, a Debora Wobeto e a Laura Schmidt. E eu pedi a uma delas, a Gi, para descrever aquele espaço do laboratório para gente.

Giovana: An... Quando a gente entra na sala é um espaço que eu acho aconche..., aconchegante assim né e quando está cheio de gente assim, parece emocionante assim... que que a pessoa vai falar? E quando a gente entra assim tem muitos cartazes sobre eventos de antropologia e desenhos. Tem um cartaz chamando, falando que tem

“chá e bolo”, e tem uma mesa oval no meio onde a gente sempre se reúne. Tem vários armários cheios de livro, que eu sempre fico olhando os títulos dos livros pra ver se tem alguma coisa que eu gosto e sempre tem. Tem um armariozinho com biscoitinhos, tem várias impressoras, vários computadores pra estudar. Tem uma janela, que sempre entra um sol gostoso e várias cadeiras pra todo mundo se aconchegar na mesa.

[Transição musical: som sintetizado, lento, com melodia que lembra gotas, passa sensação de tensão].

BLOCO 2: A Antropologia da ciência antropológica

Daniela: Bom, a Fabiene nos contou a história de como todo esse projeto começou. E de como o seu trabalho na Antropologia Visual foi virando, cada vez mais, um projeto de Antropologia da ciência antropológica.

Fabiene: Nos cursos que eu dava de Antropologia Visual, a gente sempre falava de fotografia, e filme, e eu nem me dava conta de que quando a gente ia falar sobre história da Antropologia Visual, a gente falava muito mais sobre filme do que sobre foto. A gente tem essa coisa com a voz, também muito importante, né. O discurso verbal na antropologia. E aí fui descobrindo muitos trabalhos, ou fui juntando muitos trabalhos que já tinham sido publicados, alguns eu já conhecia sobre fotógrafos, né, que tinham atuado no Brasil. E fui percebendo que tinha muitos artigos que eram publicados sobre fotógrafos, mas nenhum que tava sistematizando um pouco essa história né da fotografia etnográfica no Brasil, então comecei a escrever um pouco disso e quando eu tava escrevendo foi me dando conta que eu tava referenciando exclusivamente fotógrafos homens, e né? Expedições e trabalhos que tavam sendo ali coordenados por homens. E comecei a ficar muito surpresa, eu falei: “Uai, que estranho, né? Cadê as mulheres, onde é que elas tavam, o que que tava acontecendo”. E, ao mesmo tempo que eu fui sistematizando essas informações, eu fui cada vez me inquietando mais, né, com a falta total de referência, né, a mulheres.

Soraya: [Soraya contextualiza aos ouvintes sobre o que foi realizado no encontro com as estudantes e professoras.] A Fabiene foi professora no Departamento de Antropologia na UnB por cinco anos, que é onde eu trabalho também.

Fabiene: E aí lá na UnB um dia conversando com o professor Roque Laraia, que tava sempre lá no nosso Instituto de Ciências Sociais.

Soraya: [Soraya contextualiza aos ouvintes sobre o que foi realizado no encontro com as estudantes e professoras.] O Roque é um professor aposentado e também emérito da Antropologia, lá na UnB.

Fabiene: Ele me falou: “Não, mas tinham muitas equipes que faziam pesquisa etnográfica nesse período e que contavam com a presença de mulheres, muitas delas esposas de grandes antropólogos que tavam viajando”. Ele falou, “Por exemplo, a Berta

fotografava **muito mais** do que o Darcy”. E eu falei, “Hum, não conhecia assim os trabalhos da Berta, né?”. E aí eu falei bom vou pesquisar que história é essa né? Que viagens são essas e comecei a levantar algumas informações pra tentar entender quem era a Berta e que viagens era essas, como é que ela estava atuando. E a gente começou a fazer essas pesquisas, fez o levantamento das mulheres. Encontrou algumas teóricas que tavam pensando história da antropologia, como a Mariza Corrêa, Miriam Grossi, várias outras antropólogas brasileiras que tavam um pouco pensando sobre isso, né? Então, a gente foi estudar referenciais de mulheres que tavam pensando, eh... história das mulheres cientistas no Brasil, histórias de mulheres na antropologia, história da disciplina antropológica com essa perspectiva de gênero. E foi aí que a gente foi descobrindo outras pesquisadoras que não são daqui da UFRGS nem do NAVISUAL que tão também pesquisando antropólogas na primeira metade do século XX-

Soraya: [A voz de Fabiene conversando ao fundo, ao mesmo tempo que Soraya, para dar um efeito de continuidade da lista. Não conseguimos entender o que Fabiene fala por completo, mas sabemos que é a voz dela ao fundo. Soraya contextualiza aos ouvintes sobre o que foi realizado no encontro com as estudantes e professoras.] Nessa hora, a Fabiene e a equipe listaram muitos nomes de etnólogas, fotógrafas e cineastas do século XX e ainda outros nomes de antropólogas que pesquisam e pesquisaram essas mulheres. Na página deste episódio, você pode encontrar estes nomes e algumas de suas obras de referência.

Fabiene: Em relação a nossa forma de trabalho e também a essa forma de tar olhando essas mulheres, essas antropólogas e a história da antropologia. Super vejo também antropologia como ciência, entendo que o que a gente está fazendo tanto em termos conceituais e discussões teóricas, como modo de trabalho, é muito inspirado, né, nessas formas feministas de estar no mundo, é o que tem atraído as estudantes também pra cá, acho que não é a troco de nada que são todas mulheres né? E não é a troco de nada que toda essa rede que a gente criou para além da UFRGS também são todas mulheres né? **É impressionante, são todas mulheres trabalhando sobre mulheres, né?**

[Transição musical: A música vai aumentando aos poucos. Batida com som metálico e agudo, melodia de piano sintetizado].

BLOCO 3: Desafios para pesquisar antropólogas mulheres

Daniela: Bom, são então muitas mulheres, muitas que a gente nunca ouviu falar, inclusive, e é muito importante trazer essas histórias à tona. Muita antropologia foi produzida, inclusive por mulheres nessa época, e não chegou a ser plenamente sistematizada, nem divulgada, e muito menos conhecida. Então esse projeto delas é, tem essa proposta né feminista de trazer à tona essas histórias. Mas não é exatamente **fácil** encontrar essas mulheres que produziram antropologia audiovisual há um século atrás, quando os registros eram muito menos tecnológicos e amplos como temos hoje. Um primeiro desafio é a autoria destas fotos e filmes.

Fabiene: Acho que seria interessante a gente falar sobre isso, né, sobre essa dificuldade de encontrar esses indícios e essas materialidades e mesmo essas referências. Acho que poderia falar um pouco sobre isso porque é, assim, são muitos níveis de problema, assim. Tem um que é de encontrar a referência às autorias. Então, eu entrei num acervo, o “Museu do Índio” tem o acervo todo digitalizado, as fotografias estão todas lá. Eu colocava pra procurar a viagem de Berta e Darcy e estava tudo na viagem que o Darcy tinha feito. Tinha um monte de fotografias inclusive que o Darcy constava na imagem que estava creditada autoria a ele. Aí eu falava bom, mas, né, tem alguma coisa estranha e conversei com a equipe de lá, [e elas falaram] “É, não tem um problema do registro, tem um problema de quando as vezes recebia esses materiais iam pra uma espécie de pasta, de viagem, né? Pasta do chefe da missão, chefe da expedição. Então não tinha essa preocupação ali em estar diferenciando”. Era que era um trabalho coletivo, isso pra gente não é um problema, que seja um trabalho coletivo, a gente acredita que sempre foi coletivo, né?

Daniela: Aham.

Fabiene: Só que essa coletividade frequentemente não era reconhecida nas, né, no trabalho, nas autorias e aí vão surgindo esses cânones, né? Que estão ali como se tivesse produzindo sozinhos. Então, foi um processo, né, de descobrir que existiam essas mulheres, depois de descobrir que existiam essas imagens e depois também entender que era muito difícil entender quem tinha feito qual imagem, né?

Daniela: A Debora Wobeto, que também estava conosco naquela reunião no NAVISUAL, é doutoranda em Antropologia ali na UFRGS. E ela comentou sobre o desafio do registro dos nomes destas fotógrafas e pesquisadoras, que nem eram brasileiras, e como que esses nomes viram indexadores nos acervos. Então ela conta o caso da fotógrafa alemã Charlotte Rosenbaum, que integrou a Comissão Rondon no início do século XX e que depois trabalhou para o “Serviço de Proteção do Índio”, o SPI.

Débora: Aí no caso da Charlotte ela também tem um nome, ela tem dois nomes né? Ela é Charlotte Sophie, então em alguns momentos ela é registrada como Charlotte Rosembaum, em outros momentos Charlotte Sophie Rosembaum, que era o nome dela de nascimento; É... a gente não encontra muitos rastros dela, a gente está buscando né? Mas em geral, a gente encontra mais coisas com esse primeiro nome do que depois, né. Então, a gente tem esse registro de que, bom, ela... a gente encontrou o registro de casamento dela com o Jakob Baumwald. É... num filme da Comissão Rondon, ela é anunciada como o Charlotte Wunbald, né? Então, essa dificuldade então também exige um outro nível de repertório de pensar que as pessoas confundiam esse registro que os nomes de origem alemã têm conexão com o ofício que a pessoa desempenhava.

Fabiene: E aí tem muitos desafios, né? Um deles eu acho que foi a Mariza Corrêa, já tinha sinalizado, né, nos artigos que a gente tinha lido. É o desafio de trabalhar com mulheres que eventualmente se casam ou mudam de nome, né, no decorrer da sua trajetória.

Débora: E aí é um ponto interessante, né. Que são esses indexadores, porque quando a gente vai buscar num acervo digitalizado, por exemplo, né, a gente tenta buscar alguns elementos e aí cada arquivo, cada acervo vai ter seus próprios indexadores que a gente aprende ali, na hora. Né? Então, por mais que o nome, o nome dessas mulheres seja o disparador da pesquisa, né, então, bom, o padrão, o primeiro nível vai ser Charlotte Sophie Rosembaum ou Charlotte Sophie Baumwald. E aí, a partir disso, vão vir as variações né? O Rosembaum com “n”, com “m”, o Baumwald, com “m”, com “n”; com “d”, com “t”. Então, a gente vai tentando é quase, acho, [risada nervosa de Débora] como fazer programação, né, tentar adivinhar como isso foi registrado. Na indexação, só foi possível encontrar com a grafia errada. Então, o indexador tá com a grafia errada pra se encontrar a grafia certa no documento, porque no documento datilografado aquele “m” ali parece um “n”. Então, esse detalhe né que a gente tem que estar prestando atenção pra se aproximar de documentos que aí a gente vai ler na íntegra, vai ver como eles se relacionam com outros documentos daquele conjunto e a gente vai aprendendo a fazer isso, né?

Daniela: A Débora não mencionou só a grafia dos nomes e sobrenomes, mas também a profissão que foi atribuída a essas mulheres profissionais.

Débora: ãhn... de como essas pessoas foram qualificadas, né. Se é fotógrafa, se é cinematógrafa, se é técnica, se é empregada, né? Então, an... acho que é, o que é, navegar um pouco entre essa, esses indícios, esses rastros pra daí, sim, se aproximar. Por exemplo, da Charlotte, a gente encontrou um registro de férias, quando ela entrou em férias em 1958, que era um relatório interno do SPI que foi anexado a esse grande relatório, né. A gente encontra ali, bom, em 58 ela, ela tava ali.

Daniela: A Laura Schmidt também compõem esta equipe da UFRGS. Ela é graduanda em História e ela pesquisa a Berta Ribeiro. E aí ela falou um pouco do desafio de acessar os acervos.

Laura: É um trabalho bem de formiguinha, assim, realmente, de ir construindo a cada pistas e a cada acervo é um... que nem a Débora falou, são todos indexadores diferentes, uma terminologia diferente que tem que aprender a buscar, a lidar, a encaixar na pesquisa também, a ver como, os documentos são encontrados, ou... esses mecanismos de buscas que não funcionam, são *softwares* que não funcionam. Então, pra realmente ver tudo que existe nele teria que ver ele presencialmente. Isso é uma coisa que a gente nota, a necessidade da pesquisa presencial neles. E pra nós também isso é uma dificuldade, porque eu, por exemplo, bom, eu entrei um pouquinho depois já na pesquisa, mas eu concebo ela com a possibilidade de uma pesquisa *online* em acervos *online*, em acervos digitais e também um trabalho coletivo também que é feito digitalmente através de grupos no *WhatsApp*. Essa comunicação também é feita dessa forma. E, quando se coloca a necessidade presencial, se forma alguns problemas assim, problemas principalmente de acesso aos acervos que a gente enfrenta. E com a Berta, por exemplo, esse é um problema essencial que a gente vem enfrentando, que é toda a produção dela basicamente tá concentrada num único acervo e é impossível o acesso, a visitação dele. E, para nós, isso é...

Fabiene: Um desafio.

Laura: Um desafio, no mínimo [risos].

Daniela: A Débora, que pesquisa os acervos visuais da Ruth Landes, reforçou esse ponto sobre acessar os materiais presencialmente.

Débora: É, e nesse caso da Landes, é interessante porque ela mesma compôs esse, esse acervo dela né? Essa forma como ela gostaria de ser lembrada e como ela gostaria de lembrar das coisas né. Então, acho que entre os acervos que a gente pesquisa talvez ele seja o acervo mais organizado de todas essas mulheres, porque ela mesma passou vinte anos da vida dela reunindo e pensando esse arquivo, né. Então, também tem todo um exercício de memória que ela faz, tem muitas fotos que ela vai legendar vinte, quarenta anos depois, né. Fotos que ela tirou ali na década de 1930, que daí nos anos 1970, ela coloca o nome da pessoa no verso da foto com uma interrogação, tentando se lembrar. E esse acervo está todo digitalizado. E quando eu pude ver o acervo presencialmente, foi outro acervo. É outro acervo. Então, quando eu cheguei lá e me dei conta da dimensão das fotos, porque vendo aqui na tela do computador, a foto parecia uma foto dez por quinze. Lá no acervo, são... é quase um negativo né? Quase o tamanho de um negativo. São fotos super pequenas assim, e a forma ali que ela mesma organizou pra estar no acervo né, tem uma pasta exclusiva de material gráfico né onde tem alguns desenhos, poucos, né, desenhos que ela recebia, e um e outro que ela fez. Tem cartões postais e fotografias e quase todo o acervo com fotografias do Brasil, né? São quase setecentas fotografias.

Fabiene: E essa coisa dos acervos é um ponto bem interessante da pesquisa porque é muito diferente quando a pessoa organiza seu próprio acervo pra doação e né, as imagens, como é que isso tá apresentado, como é que isso é doado, né? Que é diferente, por exemplo, do caso da Dina, né, que todo o acervo dela ficou sendo da viagem que ela teve pro Brasil, né, passou a ser de propriedade do Claude Lévi-Strauss e depois da família da segunda esposa do Claude Lévi-Strauss, e tá na Biblioteca Nacional da França, não está disponível de forma digital e o acesso é super difícil. Então, né, todas essas relações profissionais ou pessoais da forma como aconteceram também interferem na forma como o acervo é organizado e como ele é disponibilizado, né?

Daniela: Sim.

Débora: Essa política de guardar ela, ela, ela é bastante recente assim pelo que a gente encontra na literatura. O Evans-Pritchard queimou todo o arquivo dele, né? O arquivo da Zora Hurston foi queimado por uma pessoa desavisada e outra pessoa também desavisada parou um carro e apagou o incêndio né, na semana em que ela faleceu. Então, tem essas diferentes formas de lidar com o próprio arquivo e faz parte de um momento de entender diferente os próprios arquivos pessoais do nosso trabalho, né, de antropólogos e antropólogas, e de guardar, inclusive, os restos. Eu vi há pouco tempo um documentário sobre escritores e uma escritora disse, "Ah, hoje em dia, existe uma mão invisível, né, quando a gente escreve no computador. Então, os pesquisadores do

futuro vão conseguir rastrear muito menos nossos erros de escrita, nossos rascunhos, os manuscritos que não deram em nada, né, porque eles são deletados e pronto, né?”.

Fabiene: Eu nunca pesquisei em acervo, e em arquivo antes, né? Eu fui me lançar aí, porque fiquei curiosa com essa história e ninguém da equipe tava necessariamente interessada em pesquisa em arquivo ou em acervo antes, a gente foi se lançando e aprendendo no processo e a gente aprende muito coletivamente também com essas estratégias, né, que cada uma vai utilizando **pra fazer pesquisa nesses acervos que são um grande desafio, na verdade.**

[Transição musical: Música de transição vai aumentando, toque tranquilo de notas de piano que parecem pingos de chuva, por trás do som das notas tem barulho de piano sintetizado, trazendo um ar de curiosidade para o que virá pela frente no episódio]

BLOCO 4: Reestabelecendo cânones

Soraya: Eu também quis saber se as antropólogas, fotógrafas, autoras mulheres tinham aparecido na formação desta equipe. A Débora, que tá no doutorado, começou respondendo sobre isso.

Débora: É, eu acho que agora é um momento muito diferente, assim, do momento em que eu entrei na graduação, lá em 2011. Então, realmente, nas disciplinas de introdução, de teoria, mesmo no mestrado é profundamente desigual. E quando as mulheres aparecem são as mesmas mulheres né. É a Margaret Mead, é a Ruth Benedict e pronto, assim. Então, acho que também existe uma grande é... diferença quando a gente acessa a literatura pós-guerra, né. Então, lá em antropologia contemporânea, já começa a ter um pouco mais de inserção nos currículos, mas é muito desproporcional. E só depois no doutorado mesmo que eu, com essa aparição da Fabiene, que eu pude ser estagiária docente né de uma disciplina de “Antropologia e feminismos” que não existia quando eu estava na graduação. Então, acho que mudou muito o cenário nos últimos anos, num curto período assim, e mesmo nas disciplinas dos clássicos, né, mesmo nas disciplinas introdutórias, e bom, tinha outras pessoas pensando essas coisas, não era só Malinowski, não era só o Boas, né?

Soraya: Depois, eu quis saber da Fabiene, como professora. Quer dizer, se essa pesquisa delas vem reverberando nas suas disciplinas.

Fabiene: Eu fico pensando muito na minha trajetória como... a gente sempre quando, a gente vai começar a dar aula, a gente lembra da nossa experiência como discente, né. E... eu acho muito impressionante que durante toda a minha formação de graduação, mestrado e doutorado, eu não tenha lido muitas das coisas que eu trabalho hoje em dia, que foram publicadas décadas antes de eu ingressar na graduação, né? É... e a própria Lélia [González] que, hoje em dia é uma referência que todo mundo tá lendo, eu conheci no pós-doutorado, né. Então, assim, muito tempo depois né? A Zora foi nos últimos anos, traduzida né, o seu trabalho para o português, tornando mais acessível pra gente trabalhar com estudantes na graduação e foi uma iniciativa de coletivos de estudantes negros, né, é importante pontuar isso também, essa movimentação. Eu, nos meus

programas, eu tenho essa preocupação de trazer diversidades de gênero, raça, sexualidade, pra gente discutir, sempre trago essas corporalidades como, é... algo a ser pensado junto com o que está sendo apresentado em termos de conteúdo. Quem é essa pessoa? Por que que ela está falando sobre isso? Por que que ela está interessada nisso, né? Mas eu escuto ainda hoje, com mais frequência do que eu imaginaria, estudantes dizendo que questionam professores em sala de aula sobre o programa do curso porque ainda tem professores, mesmo de gerações mais jovens, que apresentam programas que são, né, ainda muito voltados pra pensar esses cânones das disciplinas, principalmente em teorias, né? Mas fico muito feliz em poder já utilizar mesmo em primeiro período textos da Zora junto com outros autores pra gente falar, “Olha, tem isso que era reconhecido como cânone e tem essas outras produções que desde sempre aconteciam e que foram sendo marginalizadas, né?”.

Soraya: Até agora, a gente falou de muitas antropólogas que fotografaram, filmaram, desenharam e descreveram o Brasil do século passado. Neste final do episódio, eu vou sugerir que a gente traga essas pesquisadoras mais para perto, em vez de a gente só ouvir falar delas, vamos ouvir elas mesmas, de alguma forma. A gente vai fazer assim: A gente ouve um tiquinho da paisagem sonora da época ou da voz original daquela mulher do século XX e depois estas pesquisadoras de Porto Alegre, já agora no século XXI, vão ler um trechinho de alguma coisa que elas escreveram. Então, dá para ter uma ideia de como essas mulheres eram, encarnadas no som, na voz e nas palavras delas. As vozes não correspondem aos textos, mas é um jogo para gente conseguir se transportar um pouco para estas outras sonoridades. A gente vai começar com a Ruth Landes, lida pela Débora; depois a Berta Ribeiro, lida pela Laura; e por fim, a Diná Dreyfus, lida pela Fabiene.

[“Cantiga para Iemanjá”, começa a tocar, a divindade do mar na Nação Ketu, cantada em língua iorubá por Martiniano do Bonfim e Anna Morenikéji]

Débora: O fundo musical que nos acompanha é compassado pela voz de Martiniano Eliseu do Bonfim, um dos primeiros interlocutores de Ruth Landes no Brasil. O Babalô Martiniano era o que chamamos na antropologia de “informante profissional”, uma espécie de autoridade nas narrativas etnográficas, e uma figura que era procurada por pesquisadores brasileiros, como Nina Rodrigues e Artur Ramos, e aqueles vindos do exterior, como a própria Ruth Landes e seus conterrâneos Donald Pierson, Franklin Frazier e Lorenzo Turner. Embora já estivéssemos praticamente na década de 1940 e Landes tivesse usado um gravador em trabalhos de campo pregressos, dessa vez, no Brasil, ela não contava com esse instrumento de registro. Em um texto, que escreveu na década de 1960, ela rememora a estadia na Bahia e parece lembrar nitidamente que **não** usou nenhum aparelho de gravação sonora.

Débora: Ela diz, [Som de alguém passando as folhas de um livro], abre aspas, “Em 1938 e 1939, Edison [Carneiro] e eu estávamos constantemente disponíveis para o povo do candomblé, estávamos infinitamente pacientes e animados, sempre atentos, dispostos para fazer anotações e tirar fotografias. Nunca usamos um gravador ou instrumento similar. Edison raramente fazia anotações detalhadas, mas possuía uma ótima memória”. Fecha aspas. [Som de alguém passando as folhas de um livro]. Ainda nos

falta, no entanto, a voz da própria Landes. Até esse ponto da pesquisa, não foi possível localizar nenhum registro sonoro ou audiovisual que contenha qualquer fala breve da antropóloga. Dado que ela mesma organizou grande parte de seu arquivo, se esses registros existiram, ela mesma tratou de descartá-los, ou, talvez, estejam guardados em algum arquivo institucional nunca tratado. Ou quem sabe tenham sido creditados de forma genérica ou a outro alguém, como tem sido comum com os arquivos de tantas outras mulheres cientistas.

Berta Ribeiro: Mas, quer dizer, eu que trabalho com arte, grafismos, essa coisa toda, a gente pode dizer que realmente, an... a manifestação, as manifesta, as manifestações artísticas, inclusive a pintura corporal, aquela, toda aquelas representações mesmo, de adornos plumários, de objetos, e tudo mais, são uma espécie de... é uma linguagem de comunicação... são uma forma de...

Laura: Esta voz que a gente tá ouvindo, é da Berta Ribeiro. A Berta foi uma antropóloga que nasceu na Romênia em 1924 e que migrou para o Brasil em 1932. Ela fez pesquisa, principalmente, sobre a cultura material indígena nas regiões e a formação de coleções etnográficas de povos distribuídos por todo o país. A minha pesquisa PIBIC é sobre ela! E eu escolhi um trecho do diário de campo dela, publicado com o título *Diário do Xingu* [Som de alguém passando as folhas de um livro]. E a citação realmente começa assim: “Comentei isso com Vanessa em nossa longa viagem de volta à “civilização” (entre aspas). Ela disse que é muito mais duro ser antropólogo mulher que geralmente viaja sozinha. As mulheres dos antropólogos, não tendo uma profissão definida, ou tendo de menor peso, não estão impedidas de acompanhar os maridos em suas longas expedições ao campo.” [Som de alguém passando as folhas de um livro]. Então, ali já tem toda também a questão do próprio termo, não existe o termo ali “antropóloga”, né? “antropólogo mulher”, então. É, quinta-feira, 25 de agosto de 1979, Posto Leonardo.

Fabiene: Ela já tava aqui no Brasil, ela chegou criança, né? Mas depois ela começa a viajar e a Berta diz, né, que ela se forma em campo, nessas viagens com o Darcy. E aí isso traz implicações diferentes pra o trabalho de cada uma delas também, né. Naquele período, as mulheres não tinham autorização pra viajar sozinhas, elas precisavam de autorização pra circular e pra fazer pesquisa no Brasil. A Dina e a Berta, elas passam a trabalhar um pouco assim, a partir dos trabalhos que tanto o Darcy e o Claude Lévi-Strauss nesse primeiro momento estão desenvolvendo, né, mas que fazem caminhos diferentes também, mesmo dentro de cada pesquisa, né?

Dina: Aujourd'hui il apparaît la question entre vous, je suppose. À mon sens, il y a trois questions liées les unes aux autres, donc la question que nous occupe aujourd'hui, le problème que nous occupe aujourd'hui, la première question, le premier point, c'est la contradiction apparente, je dis bien, apparente, entre la proposition... [Tradução: Hoje, imagino eu, surge [essa] questão entre vocês. A meu ver, há três questões ligadas umas às outras, portanto, a questão que hoje nos ocupa, o problema que hoje nos ocupa, a primeira questão, o primeiro ponto, é a contradição aparente, e repito, aparente, entre a proposta...].

Fabiene: [A voz de Dina segue por trás da voz da Fabiene, mas não é possível entendermos totalmente o que é dito]. Em 1936, a Dina publica pelo Departamento de Cultura de São Paulo, as *Instruções práticas para pesquisas de Antropologia física e cultural*. Nelas, há uma seção específica sobre fotografia e cinematografia. Ela começa dizendo assim: [Som de alguém passando as folhas de um livro] “A fotografia e a cinematografia são instrumentos essenciais a quaisquer pesquisas de Antropologia física e cultural, daremos, pois, certo número de conselhos práticos para utilização dos aparelhos. É possível tomar-se uma boa fotografia com qualquer aparelho, mesmo ordinário e barato. Além disso, é sempre preferível trabalhar com um aparelho de qualidade média, ao qual se está habituado a trabalhar com mais perfeito dos instrumentos, cujo manuseio, entretanto, se desconheça. Tudo o que se disser sobre esse assunto diz respeito aos pesquisadores que não possuam ainda um aparelho, e desejam adquiri-lo. Ou aqueles que tencionam em trabalhar como especialistas e obter documentos perfeitos. Os pesquisadores que não pertencerem nem a uma, nem a outra dessas categorias, como é o caso da maioria, podem perfeitamente utilizar seus aparelhos comuns, observando certo número de conselhos práticos que encontrarão no final deste capítulo”. [Som de alguém passando as folhas de um livro]. E a Dina, quando ela chega ao Brasil, ela acaba abrindo outras frentes de trabalho, né. E acaba se dedicando muito a essa formação prática também do trabalho de campo, então são mulheres que estão ali muito dedicadas a pensar e, né, e a sistematizar, enfim, informações oriundas do trabalho de campo. Mas todas essas outras que a gente tá pesquisando são mulheres estrangeiras que vieram e que naquele período eram muito racializadas, brancas, mas, racializadas por serem judias, né. Mas assim, reagindo um pouco a essa questão, né, do gênero e da raça nessa produção de imagem nesse período, a gente não tinha mulheres brasileiras também que tavam engajadas nisso, né? Eram essas mulheres pesquisadoras que vieram de fora fazer pesquisa e cada uma com uma estratégia também, né, um pouco pra isso.

Música de fechamento: “Já foi”, de Janine Mathias. Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina começa a cantar:

É hora, é hora, agora já foi, laialaia, já foi

Vamos brincar, já foi

Laialaia, já foi. Vamos brincar

Já foi

É hora, é hora, agora já foi, laialaia,

[A música continua tocando ao fundo das vozes de Daniela e Soraya até terminar o podcast].

FECHAMENTO

Daniela: Uma dificuldade enfrentada por essa equipe da UFRGS é a da pesquisa em arquivos. Isso é uma coisa que as historiadoras conhecem muito bem, elas se formam pra fazer isso, mas as antropólogas, não. Então, acho que é interessante pensar a

interdisciplinaridade nessa busca pela história da antropologia, que lança mão de metodologias históricas na sua pesquisa.

Soraya: Justamente, elas estão fazendo uma antropologia da ciência antropológica e, nesse movimento, olhando para o **passado** da nossa disciplina. Elas vão descobrindo fotos, textos e vozes que não foram transformados em referências oficiais. Elas também vão percebendo as datas destas produções todas, notando, inclusive, que são contemporâneas às produções daqueles autores que geralmente entram nos nossos programas e disciplinas.

Daniela: Quer dizer, estas mulheres poderiam estar sendo vistas e lidas pelas nossas estudantes e aquilo que é entendido como clássico, como referência antropológica fundamental, poderia ser diferente.

Soraya: E estas outras antropologias já estavam sendo produzidas em várias mídias diferentes: como dança, fotografia, diário de campo. E estavam sendo realizadas em equipes - seja com o marido, ou por exemplo em estúdios de fotografia, ou mesmo projetos internacionais. E também já com muita experimentalidade, que só foi reconhecida, por exemplo, lá na virada pós-moderna dos anos 1960.

Daniela: No Brasil, a Antropologia começa com a chegada de homens e mulheres estrangeiros. No caso das mulheres, a Berta Ribeiro, a Diná Dreyfus, a Ruth Landes, a Charlotte Rosenbaum, é bom lembrar, elas eram de minorias religiosas e de países periféricos à produção científica europeia da época. Mas todas eram brancas. Nos EUA, nessa mesma época, já havia mulheres negras se formando na Antropologia, como a Zora Hurston e a Katherine Dunham, por exemplo. A estrangeiridade, a negritude, o gênero são aspectos que elas já vivenciavam em seu trabalho intelectual.

Soraya: E há muito por conhecermos sobre essa produção. A equipe da Fabiene Gama e as equipes de outras colegas ao redor do Brasil têm feito enormes esforços para visibilizar a vida e a obra dessas mulheres e recanonizar a Antropologia.

Daniela: Foi muito legal conhecer Fabiene, Giovana, Débora, Laura que nos receberam na UFRGS em maio de 2023. A equipe delas é composta também pela Luísa e a Eugênia. Agradecemos a todas elas e também à equipe do Mundaréu, especialmente Bruna Martins, Camila Anselmo, Clarissa Reche, Fernanda Mariath, Gabriel Marçal e Rai Magalhães. As referências e autoras mencionadas neste episódio estão descritas na página: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/> A música dessa temporada é "Já foi", de Janine Mathias. E toda a edição e a produção musical é de Nicholas Martins, da nossa equipe da Unicamp.

Soraya: O Mundaréu integra a Rádio Kere-kere de podcasts de Antropologia e recebe o apoio da FAPESP, da Unicamp, da FAP-DF, do CNPq e da UnB. A gente se ouve no próximo episódio! Sempre na primeira semana do mês. Até lá!

Daniela: Oi! Você conhece o podcast *Oxigênio*? É um dos primeiros podcasts científicos do Brasil e é produzido aqui no LABJOR. Eu tô fazendo essa pausa aqui para te convidar para ouvir a série "Cidade de ferro", produziu em parceria com o Grupo de Estudos

Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia, o GEICT. São quatro episódios que narram os encontros entre mineração e poesia a partir de Itabira, em Minas Gerais. Itabira é a cidade natal de Carlos Drummond de Andrade e berço da companhia Vale do Rio Doce. O antropólogo mineiro, Yama Chiodi, nos leva para conhecer a cidade acompanhados da poesia de Drummond, pensando naquilo que Drummond chamou de “destino mineral” da cidade. Tá linda a série, vai lá ouvir.